

Os romances de massa

JÁDER DE CARVALHO

Este livro não é uma galeria de heróis ou de bandidos, de mártires ou de santos, especialmente contratados para a figuração. Nele as silhuetas humanas se avivam e se esfumam a cada página, como simples joguetes de situações ou de acontecimentos. Nele os homens, as mulheres, as crianças, passam sem pretensões à imortalidade. Se há perfis de linhas mais fortes, é porque na vida a simetria absoluta é impossível. Mesmo quando essa vida é a existência plana e monótona de uma plebe explorada.

FAZENDA SÃO-JORGE é a trama de pequenos romances. Romances de homens ignorando que a história pode ser feita pelo próprio homem. História sem fome e sem fogueiras, sem generais e sem adultérios de raíñas. Diferente daquela que a juventude aprende nos liceus.

A capoeira, a «fábrica», o trabalho sem direito, a ganância capitalista, são com certeza o motivo deste livro. Eles é que movem os personagens, trazendo-os à ribalta quando é preciso, ou despedindo-os de uma vez, quando a sua presença já não é explicável. Não importa que esses personagens sejam sempre humanos...

O leitor, num romance de fazenda algodoeira como o presente, não espere pela descrição de algo-
doais a perder de vista. Nem pela narrativa dos fatos corriqueiros da casa grande ou dos mucambos. Nem pela fotografia avelhantada, pelo retrato amarelecido de cabras suando no eito. A São-Jorge aqui focalizada é uma frincha aberta para o cenário da iniquetação proletária. A paisagem social que se fixou não é nordestina: é a paisagem comum da exploração dos camponeses pobres pelos senhores feudais.

Terá entendido o FAZENDA SÃO-JORGE todo aquele que, ao dobrar a última página, houver guardado na lembrança apenas a «massa impessoal». A massa que aprendeu a sofrer e ainda não sabe lutar.

(Prefácio do romance inédito «Fazenda São-Jorge»)
